

Notas de um dissidente sobre a responsabilidade dos intelectuais. ¹

Os grandes capitalistas explicam sua posição de domínio afirmando que tem um cérebro e as outras pessoas não o tem. Da mesma forma, são hoje especialmente os intelectuais, considerando-se legítimos senhores do amanhã que declaram sua superioridade espiritual... se consideram pessoas mais bem dotadas intelectualmente...estão destinados a se tornar os líderes da produção, enquanto as massas destituídas de talento executarão as tarefas braçais, para as quais não é necessário cérebro."

(Anton Pannekoek em seu livro *Workers Councils*, 1950. Citado por Noam Chomsky em *Objetividade e Pensamento Liberal*. p. 164)

Quero aqui retornar a [Dwhight] Macdonald e a responsabilidade dos intelectuais. Macdonald cita a entrevista com o tesoureiro de um campo de extermínio [de judeus] que prorrompe em lágrimas ao saber que será enforcado pelos russos. A pergunta "o que foi que eu fiz?" É o tipo de pergunta que podemos perfeitamente fazer a nós mesmos diariamente ao lermos sobre novas atrocidades no Vietnã – na medida em que vamos criando, vociferando ou tolerando as imposturas que serão usadas para justificar o próximo ato de defesa da liberdade.

(Noam Chomsky. *A Responsabilidade dos intelectuais*. New York Review of Books, 23 de junho de 1967).

Este texto se apresenta como uma tentativa de resgatar as reflexões do linguista e militante libertário norte-americano Avram Noam Chomsky a respeito da relação entre intelectuais e poder político nos EUA. Situada histórica e especificamente no contexto do envolvimento militar estadunidense na Guerra do Vietnã (1965-1973), os escritos de Chomsky acerca do papel e "responsabilidade" dos "homens de letras" e da "objetividade" do pensamento liberal nos trazem importantes reflexões sobre a adesão maciça de segmentos da *intelligentsia* norte-americana ao corolário e apoio à intervenção do governo daquele país no conflito do sudeste asiático. Não se pretende analisar aqui as motivações e propósitos da intervenção dos EUA no conflito vietnamita, mas sim elaborar uma exegese dos escritos de Chomsky sobre o "madrinato" exercido por boa parte da intelectualidade, ao fornecerem apoio irrestrito à política externa dos EUA. Um artigo em especial, de autoria do linguista norte-americano, será objeto de análise aqui: *Objetividade e pensamento liberal*. Texto produzido a partir de conferências realizadas por Noam Chomsky em universidades norte-americanas entre

¹ Leonardo Brito. Doutorando em História Social pelo PPGH-UFF. Mestre em História Política pela UERJ e Professor efetivo do Departamento de História do Colégio Pedro II- RJ. Este texto é parte do 1º capítulo de minha tese de doutorado, onde faço uma reflexão mais ampla sobre o problema teórico do intelectual e sua intervenção na realidade social.

1966 e 1967. Ensaio que evidencia a assertiva denúncia *chomskyana* acerca da atuação ideológica e legitimadora dos *intelectocratas* daquele país ao poder imperial dos EUA nos anos de Guerra Fria.

1. Introdução:

De forma geral, ao longo das últimas quatro décadas, Chomsky consolidou-se como um veemente crítico do papel que boa parte da intelectualidade norte americana assumiu diante do poder político instituído. De forma específica, em fins da década de 1960, num contexto em que o poder imperial norte americano mostrava grandes dificuldades em suplantar a resistência comunista no conflito do Vietnã, o professor do prestigiado e não menos conservador MIT (Massachusetts Institute of Technology) produziu importantes escritos que procuraram denunciar o *adesismo* destes *men of ideas* à agressiva política externa estadunidense no sudeste asiático. Não temos como propósito, como já mencionamos, analisar as motivações, “méritos” e deméritos (mais deméritos e nenhum demérito) da intervenção militar dos EUA no sudeste asiático, no contexto daquilo que se convencionou chamar de Guerra Fria, mas sim observar o corolário construído por segmentos da intelectualidade norte-americana e que acabara por servir de ferramenta legitimadora das ações do governo do democrata Lyndon Johnson, e que acabaram por conduzir os Estados Unidos à efetiva intervenção militar na questão do Vietnã entre 1965 e 1973.

Como mote teórico, tomaremos como pressuposto para compreensão da atuação dos intelectuais (ainda que parcialmente) a distinção feita pelo historiador Daniel

Aarão Reis² entre *intelligenti*- intelectuais regidos por uma “ética da convicção”- e *intelectocratas* – que existem sob o “signo” ou “ética da responsabilidade”, da execução de uma tarefa, homens de ideias vinculados direta ou indiretamente ao Estado. Neste sentido, situamos Avram Noam Chomsky como um *intelligenti* no sentido pleno, ao conciliar sua atividade acadêmica *stricto sensu*, como docente do departamento de Linguística do renomado MIT, a sua vigorosa atuação como militante identificado com as ideias libertárias. Por sua vez, os intelectuais “novos mandarins” criticados por Chomsky nos artigos “*Objetividade e pensamento liberal*” e “*A responsabilidade dos intelectuais*”, todos escritos e publicados entre 1966 e 1967, inserem-se no campo daquilo que chamamos de intelectuais que estão direta ou indiretamente a serviço do Estado.

2. A inquietude intelectual de um libertário:

Já se tornou lugar comum nos meios acadêmicos qualificar Avram Noam Chomsky como um dos maiores intelectuais de esquerda vivos e em plena atividade profissional. Nascido em 1928, na Filadélfia e egresso de uma família judaica ativista, seu pai, William (Zev) Chomsky, foi um destacado estudioso de hebraico que dedicou boa parte de sua vida ao estudo do idioma. Chomsky foi desde muito cedo intensamente influenciado pelo ambiente intelectualizado que caracterizou seu cotidiano familiar. Chegara a se envolver na juventude nos movimentos dos Kibutzin e quase sempre se interessou pelas ações do Estado Judeu. Foi durante parte considerável de sua vida

² REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais e Política nas Fronteiras entre a Reforma e a Revolução* (pp. 11-35) IN REIS FILHO, D. (Org). *Intelectuais, História e Política: Séculos XIX e XX*. O objeto específico no qual Aarão se debruça é o papel da intelectualidade a serviço do Estado czarista russo no século XIX. Apropriamo-nos, ainda que parcialmente e de forma relativa, da noção de *intelligensia* e *intelectocracia*, dicotomia adequada para definição dos papéis dos indivíduos que socialmente se colocam na condição de intelectuais. “Ética da convicção” e “ética da responsabilidade”, categorias antagônicas expostas pelo sociólogo alemão Max Weber em *Política como Vocaçào*, em janeiro de 1919, em conferência da Universidade de Munique.

filiado a uma perspectiva sionista de esquerda que nos dias de hoje e ironicamente, segundo o próprio Chomsky, seria considerado alguma variável de anti-sionismo.³

Linguista renomado, Chomsky fora alçado à imortalidade no campo da Linguística ao publicar nos anos 1960 o estudo *Aspectos da Teoria da Sintaxe*⁴, que se popularizou através da definição do conceito da “gramática gerativa” (SAMIS: 2011:9).⁵ Na década de 1990, segundo Robert Barsky, seu biógrafo, tornou-se o ser vivo mais citado do mundo – quatro mil citações de suas obras estão relacionadas no *Arts and Humanities Citation Index* (índice de citações de Artes e Humanidades) entre 1980 e 1992- sendo considerado o oitavo numa lista que inclui figuras do porte de Karl Marx e Sigmund Freud. Detentor de uma vasta obra que abrange desde os estudos na área de Linguística a escritos filosóficos e políticos, Chomsky é autor de mais de setenta livros e mais mil artigos que perpassam temas relativos à mídia, movimentos sociais, política e economia global. Antes de completar trinta anos de idade já constava no quadro de docentes do Massachusetts Institute of Technology, aos 32 já figurava entre os docentes titulares do MIT e alguns anos depois, aos 47 anos tornava-se doutor, distinção concedida naquele contexto, a número muito restrito de professores daquele instituto.

Chomsky na condição de “intelectual acadêmico tradicional”, ou seja, professor universitário, de uma das instituições de pesquisa mais respeitadas do mundo, jamais percebeu seu trabalho acadêmico como algo clivado de qualquer tipo de engajamento político. Intelectual de notável êxito, sempre procurou se esquivar dos confortáveis ambientes das “torres de marfins” universitárias. Muito precocemente caminhou em direção a uma profunda identificação com o socialismo libertário. Aos dez anos,

³ Carta de Noam Chomsky ao seu biógrafo em 08 de agosto de 1994. BARSKY, R. *A Vida de um dissidente: Noam Chomsky*. São Paulo. Conrad Editora do Brasil. 2004.

⁴ A Gramática gerativa de Chomsky se baseia numa ideia de que a linguagem humana existe a partir de um estrutura inata da condição humana, ou seja, presente biologicamente no indivíduo e desenvolvida, á posteriori, a partir das condições culturais nas quais estaria este mesmo indivíduo situado.

⁵ Agradeço ao amigo Alexandre Samis pelas breves, mas belas páginas introdutórias oferecidas à publicação em língua portuguesa do livro “Notas sobre o Anarquismo” de Noam Chomsky (São Paulo. Hedra. 2011). Já conhecia diversos escritos do ativista político Chomsky, mas este, em especial, me levou a refletir sobre a tortuosa e nada fácil atuação profissional de um intelectual como Chomsky que acabaria por cunhar, no Departamento de Linguística do conservador MIT, um verdadeiro “enclave libertário”.

cursando ainda os últimos anos da escola primária na Filadélfia, publicou no jornal de sua escola um editorial sobre a tomada da cidade de Barcelona durante da Guerra Civil Espanhola. É difícil imaginar uma criança com pouco mais de dez anos de idade interessada e seriamente mergulhada neste tipo de temática, “mas se tivermos em mente a natureza da vida familiar (de notável erudição) de Chomsky e o tipo de interesse que ele era incentivado a buscar, podemos entender como uma criança como Noam era capaz de fazer toda a sorte de conexões as quais encontradas no editorial sobre Barcelona” (BARKSKY. 2004:32). Aliás, a Guerra Civil Espanhola marcaria profundamente as reflexões políticas de Chomsky até os dias atuais ao fazê-lo perceber como “as pessoas podem, na ausência de ‘uma vanguarda revolucionária insurgirem-se contra sistemas de opressão e participar de movimentos espontâneos livremente organizados, cujas raízes se encontram nas necessidades e nos ideais profundamente sentidos das massas despojadas”.⁶

Suas impressões adquiridas a partir do que lia e ouvia a respeito da Guerra Civil Espanhola levariam aos seus primeiros passos em direção ao socialismo libertário, uma espécie de “acidente fortuito” segundo ele mesmo relata em coletânea de escritos políticos publicada em 1987.⁷ A dimensão do impacto provocado pelos acontecimentos do conflito espanhol pode ser mensurada pela profusão de artigos que Chomsky escreveu sobre este acontecimento, que qualificava como uma “revolução predominantemente anarquista”, espontânea e que “envolvia diretamente os trabalhadores urbanos e rurais em uma transformação radical das condições sociais e econômicas que persistiu, com notável sucesso, até ser esmagada pela força”.⁸

⁶ *Chomsky Reader* (1987) citado por Barsky. Ao escrever sobre a “queda” de Barcelona Chomsky se revelou especialmente preocupado com o esmagamento de movimentos anarco-sindicalistas e do POUM-partido obrero de unificación marxista, que surgiram na Espanha no contexto das lutas que se seguiram à insurreição de Franco em 1936 (BARKSKY, *op cit.* 32)

⁷ *The Chomsky Reader*, coletânea organizada por James Peck e publicada originalmente em 1987. Uma edição mais recente foi publicada em 2010. CHOMSKY, Noam. *The Chomsky Reader*. Knopf Doubleday Publishing Group. 2010

⁸ *The Chomsky Reader*. Citada por Barsky. *Op cit.* 2004:33.

Chomsky é um intelectual produto de diferentes matrizes teóricas no campo da esquerda. Desde a influência humanista de Bertrand Russel, passando por marxistas não bolcheviques como Paul Mattick, Karl Korsch e Anton Pannekoek a anarcosindicalistas como o alemão de origem judaica Rudolf Rocker. Seu contato com as ideias de Rocker se deu em função de suas idas constantes à Nova Iorque, onde se tornou assíduo frequentador da redação do periódico *Freie Arbeiter Stimme*, jornal que contava com a colaboração do ilustre anarcosindicalista alemão à época radicado nos EUA. Chegou a afirmar em certa ocasião que “foi um texto de Rocker escrito em 1936 o primeiro que o fez pensar na relação entre anarquismo e liberalismo clássico, que abriu caminho para muitas das ideias que exploraria posteriormente”.⁹ O ponto de confluência encontrado nas obras de Rocker, Mattick, Korsch e Pannekoek¹⁰ que tanto balizaram os posicionamentos de Chomsky encontram-se exatamente na negação do bolchevismo leninista como forma de organização da luta revolucionária da classe trabalhadora. As lideranças bolcheviques, segundo o argumento de Rocker, legitimavam suas práticas totalitárias em nome de uma suposta proteção à classe trabalhadora de ameaças contrarrevolucionárias. No tocante à experiência espanhola, Rocker afirmava “que o que os autocratas russos e seus defensores mais temem é que o sucesso do socialismo libertário na Espanha possa provar a seus cegos seguidores que a vangloriada ‘necessidade’ de ditadura não é senão uma grande fraude que na Rússia levou ao despotismo de Stalin e hoje, na Espanha, serve para ajudar a levar a contrarrevolução à vitória sobre a revolução dos trabalhadores e camponeses”.¹¹

O marxismo antibolchevique se refletiu no pensamento de Chomsky em função de seu ávido contato com periódicos especializados na crítica política como o *Politics*,

⁹ Carta a Robert Barsky em 13/12/1994.

¹⁰ Em boa medida, parece-nos extremamente apropriada a afirmação do sociólogo Nildo Viana acerca da redução do marxismo pós Marx ao bolchevismo. Segundo Viana “A história do marxismo, no período posterior a Marx e Engels, foi obscurecida, por um lado, pela historiografia oficial, e, por outro, pelo ‘marxismo’ oficial. Este último reduz a história do marxismo à história da social-democracia e do bolchevismo. Este é motivo pelo qual vários teóricos que desenvolveram a teoria marxista foram marginalizados e esquecidos na história do marxismo, tal como é o caso de Anton Pannekoek”. VIANNA, N. *O Marxismo Libertário de Anton Pannekoek*. Revista Espaço Acadêmico, nº 48- Maio/2005.

¹¹ ROCKER, R. *A Tragédia da Espanha: Notas sobre a Guerra Civil (1936-39)*. Curitiba. L-Dopa editora. 2010. Citado também por Barsky. *Op. cit.* 45.

Living Marxism e *New Essays*. O primeiro, originalmente de orientação marxista, foi organizado e editado pelo crítico literário Dwight Macdonald entre 1944 e 1949. Chomsky se deu conta, ainda no final de sua adolescência, que a *Politics* respondia a muitos dos seus interesses sobre anarquismo, envolvimento norte americano na guerra e crítica política em geral. A orientação marxista que originalmente marcaria o periódico seria abandonada a partir de 1946, para “se prostituir atrás dos estranhos deuses do anarquismo e do pacifismo”, chegara a afirmar certa vez, Macdonald em suas memórias.¹² Diga-se de passagem, os artigos de Macdonald em *Politics* teriam impacto duradouro na produção chomskiana. Quase vinte anos após ler pela primeira vez o artigo do editor da *Politics* sobre a responsabilidade dos povos (a questão da “culpa” dos povos - alemães e japoneses) envolvidos na Segunda Guerra Mundial, Chomsky escrevera em 1966 o seminal artigo *The Responsibility of Intellectuals* (A Responsabilidade dos Intelectuais). Fazendo, a partir daí, imediata referência aos escritos de MacDonald que acabara por servir de mote para sua reflexão sobre o papel dos intelectuais norte-americanos em favor da intervenção no conflito do Vietnã, nos anos 1960. Da *Living Marxism* e da *New Essays* surgiria a aproximação maior com o marxismo antibolchevique à la Mattick e Karl Korsch. Artigos de autoria de Mattick na *Living Marxism* acerca de alternativas marxistas antitotalitárias como a proposta de “comunismo de conselho” (inspirada em pensadores antibolcheviques como Herman Gorter, Rosa Luxemburgo e Anton Pannekoek). As ideias em torno dos *Workers Councils*, tal qual defendidas por Pannekoek, mereceram destaque nos escritos de Chomsky ainda nos anos 1960:

“Os trabalhadores, escreveu Pannekoek, ‘devem ser os senhores das fábricas, os senhores de seu próprio trabalho para conduzi-lo de acordo com sua própria vontade. “Essa propriedade comum não deve ser confundida com propriedade pública, um sistema no qual os trabalhadores são comandados por funcionários do Estado que coordenam a produção. Em vez disso, eles têm de assumir o controle total dos meios de produção e todo o planejamento e distribuição. O capitalismo é uma ‘forma de transição’, que combina técnica industrial moderna com o princípio social arcaico da propriedade privada. A moderna tecnologia industrial, combinada com a

¹² MACDONALD, D. *Memoirs* citada por Robert F. Barsky. Op. cit. 52

propriedade comum, ‘significa uma humanidade que colabora livremente’, que é o objetivo do movimento operário. [Pannekoek] também escreveu que a ‘ ideia da propriedade comum dos meios de produção está começando a se fixar na mente dos trabalhadores’”.¹³

O radical posicionamento antibolchevique e antitotalitário observado em Mattick, Korsch, Pannekoek e Chomsky representariam um importante elo de identificação destes pensadores no tocante ao socialismo libertário. Como contumazes críticos da experiência socialista soviética, anti-leninistas e anti-stalinistas acreditavam que a revolução social tal qual imaginada envolveria uma reviravolta no sistema de produção, presente tanto nas sociedades capitalistas como na experiência socialista derivada da ascensão bolchevique na Rússia pós 1917. Os trabalhadores deveriam ter o controle sobre o seu trabalho e controle sobre seu destino, essa é um perspectiva muito cara à crítica destes expoentes da esquerda libertária.

Nota-se que trabalho intelectual e engajamento político são elementos indissociáveis e constantes produção do acadêmico (e ativista social) Noam Chomsky. Tal postura epistemológica – e política- constitui-se um traço evidente de seu trabalho na universidade e fora dela. A ruptura com o *objetivismo* científico lastreado numa concepção de neutralidade axiológica desta mesma ciência insere-se irremediavelmente na perspectiva intelectual, acadêmica, de Chomsky. Para ele, o trabalho intelectual (e científico) que busca compreender o mundo social não se exime em apontar para aquilo que “deveria ser”. Talvez seja por isso que a investigação e as reflexões sobre o papel do intelectual diante da realidade social sejam elementos tão presentes nos escritos de Chomsky. A contundente crítica ao intelectual como “comissário” ou, se preferirem, como intelectocrata figurou em muitas páginas da reflexão *chomskiana* desde a década de 1960, não por acaso em seus primeiros anos como distinto professor do Massachusetts Institute of Technology.

¹³ CHOMSKY. *Radical Priorities*. 1984. P. 227. Passagem citada também por Barsky (2004:60). *Radical Priorities* de Noam Chomsky foi editado originalmente em 1984 por Carlos Perégrin Otero. Segundo o editor, escritos que se constituem verdadeiramente numa “janela das convicções anarquistas” de Chomsky. A edição mais recente é de 2003.

3. A denúncia aos seus pares: “O intelectual como comissário”.

Chomsky como intelectual e ativista político libertário sempre recusou o papel de oráculo. Por outro lado, sempre se negou também a exercer um papel comumente aceito pela maioria dos intelectuais mundo a fora (e nos EUA, em especial) de se restringir aos já reduzidos círculos acadêmicos. Ademais, desde o início dos anos 1960, época em que já ocupava papel de destaque no recém fundado departamento de linguística do MIT, Chomsky procurou denunciar aquilo que qualificou como “cultura de comissários” muito típica de professores universitários de renomadas instituições americanas como o Instituto de Tecnologia de Massachusettes. “Questões concernentes ao papel do acadêmico e à relação entre a academia e o contexto social mais amplo começaram agora a ter mais importância para ele” (BARSKY. 2004:125).

Chomsky, em 1961, à época com 33 anos começou a se engajar de forma mais vigorosa na crítica à política externa do governo democrata Kennedy. No contexto da intervenção norte-americana no conflito indochinês, a partir de 1965, Chomsky começava a tratar de forma insistente acerca dos horrores, das graves violações aos direitos humanos e do genocídio de populações rurais civis perpetrados pelas operações militares do EUA no sudeste asiático. Dado o lugar que o MIT ocupa (até hoje) no mundo universitário norte-americano e suas inegáveis relações com o complexo industrial dos EUA em plena Guerra Fria, a crítica chomskiana começaria a ganhar maior vulto, constituindo um *sui generis* “enclave crítico e de contornos libertários” em pleno MIT. Antes mesmo do arrebatador artigo “A Responsabilidade dos Intelectuais” (publicado originalmente entre 1967 e 1968) e fora do departamento de Linguística, Chomsky chegou a oferecer duas disciplinas em cursos de graduação do programa de Humanidades do MIT: Um delas “Intelectuais e a Mudança Social” foi segundo descreve o próprio Chomsky uma tentativa de se fazer, ainda que parcialmente, uma História e uma Sociologia dos intelectuais... a outra parte do curso foi sobre vidas alternativas de alguma outra forma que não a carreira acadêmica”.¹⁴

¹⁴ Carta a Robert F. Barsky em 13 de fevereiro de 1996.

Salta aos olhos, nos escritos e comentários em geral de Chomsky sobre o papel dos intelectuais, um certo desdém sobre a atividade específica destes profissionais. A despeito de também estar incluído naquilo que podemos chamar de “campo acadêmico profissional”, Chomsky é demolidor nas suas considerações a respeito do trabalho “especializado” do intelectual universitário. Ao chamar a atenção para a lógica de controle social (e ideológico) que pressupõe o trabalho dos intelectuais, ele vaticina:

“Uma das coisas que os intelectuais fazem é justamente tornar estas questões [específicas do estudo da História, política internacional, ou da economia política internacional] inacessíveis, por várias razões, inclusive por razões de dominação e interesse pessoal. É muito natural para os intelectuais fazerem as coisas simples parecerem difíceis”.¹⁵

A prosa simples e agradável é característica (como pode ser observado na passagem acima) facilmente notável nos escritos de Chomsky, independentemente do quão complexo seja o problema exposto no texto, seja ele linguístico ou político. Certamente esta característica contribuiu para a compreensão das reflexões de Chomsky sobre o problema dos intelectuais, em especial, sobre a função dos acadêmicos. Ele dedicou diversos artigos nos anos 1960 e 1970 denunciando a postura “comissária” de boa parte de seus colegas, dentro e fora do MIT (os mais relevantes destes textos estão na coletânea *American Power and The New Mandarins*, publicado com título homônimo em português, em 2002). Ele foi rápido em perceber, logo em seus primeiros anos de vida universitária à inclinação ao poder muito cara à boa parte da comunidade acadêmica nos EUA nos anos sessenta (não somente!), “o grau de conivência entre intelectuais e normas políticas do Estado, mesmo quando elas são claramente opressoras, violentas ou ilegais” (BARKSKY. 2004:201). Para Chomsky a “ética da convicção” que lastreia a atuação científica destes intelectuais está intimamente atrelada a uma cultura institucional que está relacionada à busca pelo poder, ao alto nível de doutrinação que estes intelectuais estão submetidos e que submetem suas assistências.

¹⁵ CHOMSKY. *Anarquismo, Intelectuais e Estado*. Trecho de entrevista dada em 1996 a André Inoue e Pablo Ortellado (estudantes de História da USP). In *Notas sobre o Anarquismo*. P. 100. 2011.

Sustenta que a maioria dos indivíduos que se ocupa de exercer uma função intelectual específica se debruça sobre as “complexidades” da vida contemporânea e que estão inacessíveis aos indivíduos que não compõem essa “elite intelectual”. Ao abominar essa postura dos intelectuais, Chomsky se alinha naquilo que pensadores como o russo Mikhail Bakunin e o já citado Pannekoek defendiam acerca do papel social do intelectual: “em uma boa sociedade estes deveriam ser trabalhadores cujas principais ferramentas seriam seus intelectos” (BARSKY: 2004.204). Neste sentido, ensaios como *Objetividade e Pensamento Liberal*, *A responsabilidade dos intelectuais* e *Algumas considerações sobre os intelectuais e as escolas*¹⁶ são artigos que, a nosso ver, falam “daquilo que é” e “daquilo que deveria ser”. Como, na concepção chomskiana, a análise da realidade objetiva do mundo social, jamais está dissociada da busca pela transformação social, para o linguista estadunidense, no contexto das intervenções militares norte-americanas na Indochina, o vaticínio à “intelectocracia” daquele país deveria ser publicizada o mais amplamente possível. Tal postura, como há de se esperar, criou constrangimentos de toda monta a Noam Chomsky.

4. Objetividade e Pensamento Liberal:

Neste longo ensaio de mais de cem páginas apresentado parcialmente em forma de conferência na Universidade de Nova York em 1968, Chomsky faz uma ampla análise do papel ideológico do intelectual liberal norte-americano acerca de diversas temáticas de interesse da ciência política, das relações internacionais e da historiografia produzida nos Estados Unidos. Interessante notar que, embora o objetivo inicial do ensaio seja fazer um apanhado da postura subordinada da intelectocracia dos EUA

¹⁶ Estes três ensaios estão publicados na coletânea *O Poder Americano e os Novos Mandarins*. No presente texto, em função das breves páginas disponíveis analisaremos apenas o ensaio *Objetividade e Pensamento Liberal*.

diante do poder estabelecido, em especial no que tange à questão do Vietnã, o linguista do MIT vai muito além da simples crônica desse assunto. O escopo primacial do autor é lançar mão de uma muito pretensiosa análise sobre a relação entre a objetividade da reflexão acadêmica *stricto sensu* e o pensamento liberal predominante (até os dias atuais) nos meios universitários norte-americanos. Na verdade, o que Chomsky destaca é a **ausência** de objetividade latente nos estudos destes "novos mandarins". Por detrás da pretensa objetividade dos liberais esconder-se-ia uma inegável postura ideológica desta intelectocracia liberal, segundo ele, (ironicamente) valorosa dos princípios da democracia *made in american* exportada para outros cantos do planeta, sob o pretexto de enfrentamento à ameaça comunista naquela conjuntura de Guerra Fria. Numa expressa referência ao inusitado discurso do senador democrata James William Fulbrigt em 1967, Chomsky destaca "a incapacidade das universidades de oferecer 'um contrapeso eficaz ao complexo industrial' (...) ao invés disso ela tem aderido ao monolito, aumentando consideravelmente seu poder e influência".¹⁷ Ambos (O senador democrata e Chomsky) se referiam a incapacidade dos cientistas sociais norte-americanos, que deveriam se tornar críticos contundentes e "independentes das políticas governamentais e, no entanto, tornaram-se agentes dessa política" (CHOMSKY, 2002: 42). A causa fundamental para essa subordinada postura é evidente: o acesso a dinheiro e influência, não apenas nos meios acadêmicos, mas também fora deles.

O problema apontado pelo linguista do MIT e que perpassa todo o ensaio é a clássica dicotomia entre dois tipos de intelectuais: o "livre pensador" (sartreano ou chomskiano) e o "profissional que define seus problemas com base na técnica que domina, evidenciando o seu desejo natural de aplicar suas capacitações" (CHOMSKY, 2002:43). A representação "ideal" deste profissional, especialista, técnico, seria o engenheiro "cultores de armas", construtores de bombas e armas. Mas não somente! Inserem-se nesta categoria aqueles mesmos cientistas comportamentais, boa parte da ciência política, dos especialistas em relações internacionais e dos historiadores que se propõem a colocar suas produções a serviço do poder instituído, mais especificamente

¹⁷ Referência ao discurso "War and Its Effects" proferido no Congresso dos EUA em 13 de dezembro de 1967. O uso do adjetivo "inusitado" surge a partir da leitura de todo o artigo onde se constata a relativa surpresa do linguista do MIT com a assertiva crítica do senador democrata à postura subordinada de boa parte dos meios acadêmicos dos EUA ao complexo industrial militar daquele país.

nas experiências de controle populacional, provento de recursos e na legitimidade buscada para justificar intervenções como a ilustrada pelo conflito indochinês. Chomsky refere-se às áreas do conhecimento que melhor servem aos detentores do poder, "observando esses riscos, é com preocupação que lemos as alegações de certos cientistas sociais de que sua disciplina é essencial para a formação daqueles a que se referem como os 'mandarins do futuro'".¹⁸ Na prática, "a Guerra do Vietnã foi, em considerável medida, concebida e executada por esses novos mandarins, dando testemunho do conceito de humanidade e civilização que poderão aplicar no exercício do poder", vaticina o linguista do MIT (CHOMSKY, 2002:44).

O ensaio *Objetividade e Pensamento Liberal* apresenta uma característica muito evidente nos escritos de Chomsky, o caráter errático de suas análises políticas. Além disso, a forma não linear que o autor confere aos seus textos. Especificamente, o citado artigo reúne uma série de impressões de textos de intelectuais liberais de diferentes origens e matizes. Textos de periódicos¹⁹ ou livros completos dotados de densa análise são resenhados pelo autor sempre com pretensão bastante evidente de comprovar a hipótese primacial que orienta sua análise: a de que não há conhecimento desinteressado. A "universidade não é um lugar onde o conhecimento teórico será buscado, testado e codificado sem pretensões ao poder" (CHOMSKY. 2002:45). Os "tecnologistas" a serviço do poder global do império americano parecem ser o alvo do linguista do MIT: "os tecnologistas que ascendem ao poder são aqueles capazes de prestar um serviço às instituições existentes; e que só se pode esperar uma catástrofe de uma centralização ainda maior nas decisões nas mãos do governo e de um estreitamento

¹⁸ Chomsky se refere ao artigo do analista Ithiel de Sola Pool (1917-1984), *The Necessity for Social Scientists Doing Research for Governments*. Exemplo clássico de cientista social que faz apologia irrestrita para contribuição de estudiosos das ciências sociais em geral para o desenvolvimento tecnológico e para as políticas de governo nos EUA dos anos 1960 e 1970.

¹⁹ Os periódicos mais citados por Chomsky são o *Boston Globe*, a Revista *Fortune* e o *New Yorker*.

[de sua] base aliada corporativa. A experiência dos últimos anos [os da guerra do Vietnã] não nos dá grandes motivos de otimismo neste sentido".²⁰

Os intelectuais norte-americanos, segundo Noam Chomsky, gozariam de um duplo "privilégio" no mundo contemporâneo. Alcançavam no mundo pós Segunda Guerra Mundial um *status* de "elite duplamente privilegiada", sendo ao mesmo tempo cidadãos norte-americanos (condição a qual poder americano garantia razoável *status* em qualquer lugar do planeta) e tendo em vista o papel que esses mesmos intelectuais ocuparam na sociedade norte americana. Essa intelectocracia estadunidense constituiria uma nova "elite meritocrática", capaz de assumir o controle da vida americana, usando as universidades, explorando as mais novas técnicas de comunicação, valendo-se o mais rápido possível das mais recentes conquistas tecnológicas (CHOMSKY. 2002:46). Artífices desta construção "civilizatória" ocidental como o conservador Samuel P. Huntington²¹ mereceram severas críticas do linguista do MIT, no que tange à intervenção dos EUA no Vietnã. Huntington, à época diretor do departamento de ciência política da Universidade de Harvard, publicava o ensaio *A Ciência Social e o Vietnã* apresentando como proposta a "necessidade de se desenvolver entendimento do Vietnã e os estudos acadêmicos a seu respeito" (CHOMSKY. 2002. 62). Para Huntington questões relativas ao êxito das ações americanas no Vietnã poderiam subsidiar estudos voltados para as políticas governamentais, análises estas que poderiam ser apresentadas de forma "objetiva e acadêmica". A objetividade acadêmica tão propalada por analistas como Huntington parecem esbarrar nos fatos concretos da realidade. Chomsky respondia com ceticismo e não sem certa dose de sarcasmo as afirmações do distinto professor de Harvard sobre o Vietnã, que apontavam:

²⁰ Resposta de Chomsky ao sociólogo liberal Daniel Bell sobre o "otimismo" desse último em acreditar na universidade como um espaço de produção de conhecimento técnico científico desinteressado. A sutil ironia de Chomsky o faz qualificar seu interlocutor de "inveterado otimista". Daniel Bell, *Notes on the Post-Industrial Society: Part I* publicada na revista *The Public Interest*, n. 6, 1967 e citada por Chomsky. Bell notabilizou-se nos anos 60 pela sua tese do "fim das ideologias" naquilo que chamava de época pós-industrial.

²¹ Autor da "teoria do choque das civilizações", o economista Huntington era à época consultor do governo Lyndon Johnson e um dos apoiadores mais convictos da "diligência americana" na Indochina em 1968.

"Huntington em artigo publicado no *Boston Globe* a 17 de fevereiro de 1968 descrevia que 'as importantes mudanças verificadas na sociedade vietnamita nos últimos cinco anos', especificamente o processo de urbanização, 'atingiu diretamente a força e o apelo potencial do Vietcong [frente a estas populações rurais]. Enquanto a maioria esmagadora da população vivia no campo, o Vietcong poderia vencer a guerra conquistando o controle dessas populações - e foi o que quase conseguiu em 1961 e 1964. Mas a revolução urbana patrocinada pelos americanos minou a revolução rural do Vietcong'. Os refugiados provenientes das regiões rurais, segundo Huntington, encontravam não apenas segurança, mas também prosperidade e bem estar econômico" (CHOMSKY. 2002:62).

Tendo em vista a realidade concreta dos fatos que apontam para as milhares de mortes de camponeses no Vietnã do Sul e as precárias condições de vida da maior parte da população de Saigon e de outras cidades daquele país, a análise "objetiva" de Samuel Huntington parece esbarrar em evidências empíricas. Neil Sheenan, enviado especial do *conservadoramente* insuspeito *The New York Times*, em matéria do dia 09 de outubro de 1966 afirmava: "Os trabalhadores de Saigon continuam vivendo, como sempre em barracos fétidos nas imediações da cidade (...) Bares e bordéis, milhares de jovens vietnamitas se degradando como prostitutas e garçonetes em bares, bandos de desordeiros, mendigos... crianças vendendo suas irmãs mais velhas e cometendo pequenos furtos tornaram-se características onipresentes na vida urbana".²²

A pretensa "objetividade" do pensamento liberal das ciências sociais norte-americanas não seria colocada em xeque apenas no que diz respeito ao corolário em torno do Vietnã. A produção historiográfica desta intelectocracia dos EUA também foi alvo privilegiado da pena do linguista do MIT. Especialmente a respeito de um tema que para Chomsky, como já dissemos era algo muito caro: A Guerra Civil Espanhola e insurreição anarquista em 1936. Lançando mão das análises de Rudolf Rocker e George Orwell, autores de *Tragédia da Espanha: Notas sobre a Guerra Civil Espanhola*

²² Citada por Chomsky. P. 63.

(1936-39) e *Homenagem à Catalunha*, respectivamente, Chomsky desconstrói com o rigor analítico que lhe é peculiar as teses do historiador liberal Gabriel Jackson: "Se é plausível que a ideologia possa servir de maneira geral como máscara dos próprios interesses, será natural presumir que os próprios intelectuais, ao interpretar a história ou formular políticas a serem adotadas, tenderão adotar uma posição elitista, condenando os movimentos populares e a participação das massas nas decisões e preferindo enfatizar a necessidade de supervisão por parte daqueles que detém o conhecimento e o entendimento necessários (segundo alegam) para gerir a sociedade e controlar a mudança social". (CHOMSKY. 2002:95) O linguista do MIT faz também nesta crítica a Jackson um interessante e necessário paralelo entre o elitismo dos intelectuais liberais em relação à sociedade americana nos anos 1960 e o vanguardismo bolchevique de matriz leninista, tanto na experiência revolucionária russa, quanto na Guerra Civil Espanhola. Nesta última, vale destacar a constatação de Chomsky de que os comunistas (stalinistas) se constituíram como o campo mais eficaz na luta contra-revolucionária, mais preocupados em reprimir as experiências de coletivização das terras e fábricas do que com a frente da luta anti-franquista.²³

E possível inferir, a partir da leitura *chomskiana* do relato de Gabriel Jackson sobre a revolução popular ocorrida na Espanha, que a análise perpetrada por este historiador é deveras enganosa. "A falta de objetividade nele revelada é altamente significativa" (CHOMSKY.2002:99). Postura esta, que aliás, se configura como algo comum entre intelectuais que buscam, de alguma forma, desqualificar movimentos revolucionários de certa forma espontâneos, como fora o caso espanhol, segundo Chomsky. O silêncio e as lacunas acerca de experiências populares como a que acontecera em território espanhol nos anos 1930, via de regra, são deliberados por uma historiografia pouco afeita aos fatos e mais preocupada, nos dizeres do linguista norte-americano, em reforçar seus elos com os "valores e a ordem social da democracia

²³ Vale destacar ainda, a observação registrada pelo linguista do MIT sobre prestigiado historiador britânico Eric Hobsbawm, onde este último afirma peremptoriamente que o *fracasso* da revolução social na Espanha deveu-se aos anarquistas. "O anarquismo seria um *desastre*", uma espécie de "ginástica moral" sem "resultados concretos". HOBBSAWM, E. *The Spanish Background*. Publicado na *New Left Review*, n. 40, 1966, citado por Chomsky. P. 167). Nota-se que Hobsbawm, a despeito de sua colossal erudição, pouco soube ou quis saber sobre a participação dos segmentos anarquistas no levante Espanhol de 1936-37.

liberal burguesa" (CHOMSKY. 2002:152). Esse parece ser, segundo Noam Chomsky, os propósitos da historiografia liberal acerca da Guerra Civil Espanhola, a qual Jackson estaria invariavelmente vinculado.

Por que os intelectuais agiriam assim? Menos objetivos do que retoricamente se apresentam. A resposta parece clara e se encontra no invariável servilismo de certos segmentos da intelectualidade (ou da *intelectocracia*) seja para legitimar a política externa do poder imperial norte-americano ou para produzir deliberados silêncios a respeito de experiências históricas, que no passado, se propuseram à efetiva mudança social.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS:

BARSKY, R. *Noam Chomsky: a Vida de um Dissidente*. São Paulo. Conrad Editora. 2004.

CHOMSKY, N. *Linguagem e Responsabilidade*.

CHOMSKY, N. *Notas sobre o Anarquismo*. São Paulo. Hedra. 2011.

_____. *Objetividade e Pensamento Liberal; Algumas considerações sobre os Intelectuais e as Escolas; A Responsabilidade dos Intelectuais* In *O Poder Americano e os Novos Mandarins*. Rio de Janeiro /São Paulo. Record Editora. 2006.

_____. *Radical Priorities*. Carlos Pelégrin Otero (Org). Black Rose Books. 1984.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais e Política nas Fronteiras entre a Reforma e a Revolução* IN REIS FILHO, D. (Org). *Intelectuais, História e Política: Séculos XIX e XX*.

ROCKER, R. *A Tragédia da Espanha: Notas sobre a Guerra Civil (1936-39)*. Curitiba. L-Dopa editora. 2010.

_____. *As ideias Absolutistas no Socialismo*. eBooksBrasil.org. 2002.

SAMIS, A. *Introdução* à edição brasileira de CHOMSKY, N. *Notas sobre o Anarquismo*. 2011.

VIANNA, N. *O Marxismo Libertário de Anton Pannekoek*. Revista Espaço Acadêmico, nº 48- Maio/2005. Acessada em 17/03/2013